


A “Mulher V” como Construção do *habitus* Feminino na Igreja Universal do Reino de Deus

The “V Woman” as a Construction of Female Habitus in the Universal Church of the Kingdom of God

*Fabrício Roberto Costa Oliveira¹ 

*Isadora Almendagna² 

*Deivit Henrique da Silva Leite³ 

Resumo

Este artigo é uma análise do livro “A Mulher V – moderna à moda antiga” (2011), uma produção da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) direcionada às mulheres. A obra escrita por Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, apresenta uma série de prescrições em relação ao comportamento feminino. Analisamos características atribuídas à mulher virtuosa e ao seu correspondente antagônico, a mulher não virtuosa. As qualidades da mulher virtuosa estão, majoritariamente, relacionadas à restrição da mulher ao âmbito privado da vida social, à docilidade – do corpo e do comportamento – e à submissão ao marido. Nossas conclusões indicam que o livro viabiliza a inculcação de um *habitus* que, através de interpretações bíblico-religiosas da mulher cristã ideal, reafirma representações conservadoras do feminino e reforça relações hierárquicas de gênero.

Palavras-chave: religião, gênero, mulher, representações conservadoras.

Abstract

The aim of this article is to present an analysis of the book “The V Woman – modern in an old-fashioned way” (2011), a publication of the Universal Church of the Kingdom of God (IURD) specifically aimed at women. The work, written by Cristiane Cardoso, daughter of Bishop Edir Macedo, presents a series of prescriptions regarding female behavior. We analyze the characteristics attributed to the virtuous woman and her antagonistic counterpart, the non-virtuous woman. The qualities of the virtuous woman are mainly linked to the restriction of women to the private sphere of social life, docility – of both body and behavior – and submission to their husbands. Our conclusions indicate that the book facilitates the inculcation of a habitus that, through a biblical portrayal of the ideal Christian woman, reaffirms conservative representations of femininity and reinforces hierarchical gender relations.

Keywords: religion, gender, woman, conservative representations.

¹ Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais (UFV/CCH/DCS, Viçosa, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5522-6192>.

² Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais (UFV/CCH/DCS, Viçosa, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2469-7313>.

³ Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais (UFV/CCH/DCS, Viçosa, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1440-8661>.

1. Introdução

Este artigo é uma análise do livro “A Mulher V – moderna à moda antiga”. A obra é uma das produções da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) direcionada às mulheres. Ela foi escrita por Cristiane Cardoso, filha primogênita do bispo Edir Macedo, líder e fundador da igreja, com o propósito de auxiliar o público feminino a tornar-se “Mulher V”, ou mulher virtuosa, isto é, a mulher cristã ideal.

A hipótese deste artigo é que a atuação da IURD junto ao público feminino da igreja contribui para a formação de um *habitus* (Bourdieu, 2001, 2013), perceptível da aparência ao comportamento, com o objetivo de inculcar formas de pensar e agir específicas das mulheres iurdianas⁴.

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1977 e passou de uma pequena igreja evangélica na zona norte do Rio de Janeiro a um verdadeiro império, com um crescimento institucional e midiático sem precedentes. Atualmente, a IURD encontra-se em mais de 100 países⁵, espalhados por todos os continentes.

O Grupo Record, conglomerado de mídia do qual Edir Macedo é dono, desde novembro de 1989, agrega canais de televisão, rádio, mídias impressas e online. Somente a Record TV, uma das mídias televisivas do grupo, possui 15 emissoras próprias e mais de 90 afiliadas⁶.

Nesse cenário emerge, dentre os programas da IURD, um tipo de mídia voltada especificamente para aconselhamento de casais e educação do público feminino, tocada majoritariamente por Cristiane Cardoso. Ela é o centro das produções voltadas para as mulheres da igreja⁷ e, por meio do alcance midiático do império iurdiano, apresentou diversos programas na televisão⁸ e na rádio sobre temas relacionados às mulheres e ao casamento, ocupando uma posição central na instituição.

Cristiane Cardoso possui experiência como escritora de livros de autoajuda e é autora de *best-sellers* como “Casamento blindado”, “Melhor do que comprar sapatos”, “120 minutos para blindar seu casamento” e “A Mulher V – moderna à moda antiga”. Todos estes livros possuem uma estética *pop* e comercial (Silva, 2013) e fornecem dicas e conselhos para o público feminino, sempre sob a ótica religiosa da Igreja Universal. Esta última obra, que a partir de agora chamaremos apenas de “A Mulher V” (Cardoso, 2011), é o principal objeto de análise deste trabalho.

⁴ Iurdianos(as) é como são chamados fiéis e lideranças da Igreja Universal do Reino de Deus.

⁵ A Universal no país mais populoso do mundo. Disponível em:

<https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/34-a-universal-no-pais-mais-populoso-do-mundo>
Acesso em: 20 jun. 2023.

⁶ Grupo Record. Disponível em: [http://brazil.mom-](http://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/grupo-record/)

[gmr.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/grupo-record/](http://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/grupo-record/) Acesso em: 22 jun. 2023.

⁷ Teixeira (2014) destaca que grande parte da trajetória de vida de Cristiane se confunde com a trajetória da IURD, já que ela nasceu em 1973, apenas quatro anos antes da fundação da igreja, que ocorreu em 1977.

⁸ Um dos programas pelo qual Cristiane é mais conhecida é a “Escola do Amor” (*The Love School*). O projeto é desenvolvido por ela ao lado de seu esposo, o bispo Renato Cardoso – atualmente cotado para ser o sucessor de Edir Macedo. O programa vai ao ar aos sábados na TV Record e fornece “conselhos eficazes para ajudar solteiros e comprometidos a alcançarem ou manterem o relacionamento feliz, e também driblar as adversidades do cotidiano”. Conheça mais sobre o *The Love School*. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/love-school-escola-amor/conheca-mais-sobre-o-the-love-school-escola-do-amor-11082022> Acesso em: 19 jun. 2023.

Nosso propósito é analisar os princípios de visão e divisão do mundo social, ou seja, os esquemas de classificação que diferenciam a mulher virtuosa e a “mulher de hoje”, ou “mulher não virtuosa”⁹ – com ênfase no processo de conformação de visões de mundo, através da operacionalização do *habitus* (Bourdieu, 2001; 2013) como categoria analítica.

Desta forma, torna-se possível desmistificar práticas que, inicialmente, podem ser percebidas como necessárias e até mesmo naturais, mas têm sentido atribuído socialmente a partir da reprodução de esquemas objetivos que influenciam, orientam e coagem as ações dos indivíduos – nesse caso, as prescrições normativas fornecidas por instituições religiosas direcionadas às mulheres evangélicas.

A dimensão do *habitus* permite apreender o aspecto sistemático e unificador das dimensões da prática (gostos, tipo de vestimenta, linguagem, *hexis* corporal, etc.), revelando como as estruturas objetivas influenciam, orientam e coagem as ações dos indivíduos.

Isto posto, nosso objetivo é contribuir para a compreensão de como as instituições religiosas cumprem este papel estruturante e regulador por meio de suas orientações às fiéis¹⁰.

Além dessa introdução, o texto está dividido em outras cinco seções. No segundo tópico apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa. No terceiro tópico fazemos uma breve apresentação da trajetória e das produções de Cristiane Cardoso. No quarto tópico fazemos uma discussão teórica sobre o conceito de *habitus* e sua aplicabilidade à pesquisa. No quinto tópico focamos na análise do livro, identificando esquemas de aproximação e distanciamento entre a mulher virtuosa e a mulher não virtuosa (“bonita” ou “feia”, “certo” ou “errado”, “moral” ou “imoral”, por exemplo) e como os comportamentos femininos são classificados dentro das categorias estudadas. Por fim, no sexto tópico, apresentamos a conclusão do trabalho.

2. Metodologia

Nosso estudo adota como principal procedimento metodológico a Análise de Conteúdo, de modo que nosso objetivo é “obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens” (Bardin, 1977, p. 42). A análise de conteúdo nos permite realizar, de maneira sistemática, um estudo minucioso de palavras, frases, símbolos, sinais e mensagens que compõem o objeto de análise, além de captar o sentido e as intenções do que foi escrito.

Além disso, segundo Laville e Dionne (1999, p. 215), a Análise de Conteúdo possibilita ao pesquisador “desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” e identificar

⁹ “Mulher de hoje” é o principal termo utilizado no livro para nomear as mulheres que não seguem as recomendações de comportamentos para uma mulher cristã ideal. Entretanto, segundo a própria autora (e esta é a ideia central do livro), as mulheres modernas também podem ser mulheres virtuosas e, por isso, utilizaremos aqui o termo “mulher não virtuosa” como uma oposição ao termo “mulher virtuosa”, isto é, o que não ser, apenas para facilitar a compreensão dos leitores.

¹⁰ Apesar deste papel das instituições religiosas, é importante destacar que este trabalho tem como objetivo analisar exclusivamente o livro de “A Mulher V – moderna à moda antiga”, não sendo capaz de se aprofundar na maneira como as fiéis percebem as orientações religiosas, e se praticam tais prescrições.

“valores, representações, mentalidades, ideologias” que permitam compreender o contexto de produção e recepção das mensagens. No caso específico de nossa análise, o método permite desvendar os sentidos que a IURD atribui e formam o *habitus* da mulher virtuosa.

Isto posto, nosso trabalho analisa a obra “A Mulher V – moderna à moda antiga”, escrito por Cristiane Cardoso, que possui 326 páginas e 23 capítulos, cada um dedicado a um versículo de Provérbios 31¹¹, que descreve as qualidades da mulher virtuosa. O termo refere-se à imagem da mulher virtuosa de Salomão, figura que representa os atributos de uma boa esposa ou mulher ideal, que serão especificados posteriormente.

Realizamos a leitura aprofundada de todo o livro e trabalhamos com a construção de fichamentos e a categorização daquilo que era indicado enquanto características da mulher virtuosa e de seu correspondente antagônico, a mulher não virtuosa. Estas categorias são apresentadas através de um quadro na quinta seção deste artigo (Quadro 1).

Por fim, é importante destacar que o recorte metodológico da pesquisa é compreender a lógica do que está descrito na obra enquanto formulação do *habitus* da mulher virtuosa, sem assumir que ele seja necessariamente aceito ou interiorizado, principalmente de forma passiva. Este estudo parte da instituição para o indivíduo e não visa captar os esquemas de percepção das fiéis, já que apenas com a análise de conteúdo não é possível levantar esses dados.

Para tal, seria necessário realizar entrevistas semiestruturadas ou grupos focais, que nos permitiriam compreender o nível de reconhecimento e de interiorização dessas ideias. Assim sendo, o objetivo é verificar a diferença entre os atributos da mulher virtuosa e da mulher não virtuosa, partindo de polos e princípios de visão e divisão do mundo social, a fim de caracterizar o *habitus* da Mulher V.

A seguir, detalhamos a trajetória da autora e os aspectos de sua obra que a tornaram relevante para nossa pesquisa. Apresentamos, ainda, as razões que justificam a escolha desse material como objeto de análise.

3. A Autora e o Livro

Cristiane Cardoso nasceu em 1973, apenas quatro anos antes da fundação da Igreja Universal (1977) e, por isso, grande parte de sua trajetória de vida confunde-se com a trajetória da instituição (Teixeira, 2014, p. 236). Casou-se aos 18 anos com o bispo Renato Cardoso e, desde então, ambos adquiriram protagonismo na igreja. No final dos anos 1990, Cristiane Cardoso já fazia tímidas aparições públicas em um programa de televisão exibido apenas em veículos internacionais.

Em 2004, começa a escrever para a *Folha Universal*, periódico semanal da igreja, na coluna “Mulher”, que posteriormente seria transformada no caderno “Folha Mulher”. Em 2007, Cristiane Cardoso criou seu blog “Melhor que comprar sapatos” e escreveu seu primeiro livro, homônimo. Nas produções para a televisão, foi apresentadora e editora-chefe do programa “Coisas de Mulher” (2007-2011), que abordava assuntos relacionados ao comportamento, relacionamentos, dicas de saúde e atividades práticas para o dia a dia. Em 2010, morando nos Estados Unidos, formou o projeto *Godllywood*. Segundo Teixeira,

¹¹ Provérbios 31 é o último capítulo do Livro dos Provérbios na Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento da Bíblia Cristã.

o projeto *Godllywood* foi pensado em oposição a um modelo internacional vigente, o modelo de vida e de glamour de *Hollywood*. A finalidade do projeto é negar o modelo de vida *hollywoodiano*, marcado pela prática da promiscuidade feminina. O objetivo central de *Godllywood* seria promover princípios para uma nova ideia de vida, cujo modelo de atitude pode ser considerado legítimo por se tratar de um modelo forjado por Deus (2014, p. 237).

A estrutura do projeto era dividida em três categorias de acordo com a idade das participantes, que iam de 4 a 30 anos. Meninas e mulheres frequentavam eventos, palestras e realizavam diversas atividades que auxiliavam no “crescimento espiritual e no desenvolvimento do autoconhecimento e das potencialidades das participantes” (Couto, 2020), a fim de resgatar a essência feminina, agradando a Deus.

Ainda em 2009, concomitantemente à criação de *Godllywood*, Cristiane começou a realizar reuniões de jovens mulheres na igreja onde trabalhava com seu esposo. As adolescentes compartilhavam suas experiências através do *Facebook* e postavam fotos das tarefas que cumpriam para o programa, o que, posteriormente, resultaria em sua expansão para o Brasil, e, em 2012, *Godllywood* já estava em mais de 70 países (Teixeira, 2014, p. 238).

Inicialmente, só podiam participar do programa as filhas de membros da IURD. Entretanto, nos anos seguintes, a participação foi estendida para “mulheres de todas as idades que não estão preocupadas com *status*, mas sim em fazer a vontade de Deus acima de tudo”¹². As atividades consistiam na realização de desafios diários¹³ disponibilizados no site da Universal e no perfil oficial do projeto no *Instagram*¹⁴. O intuito era auxiliá-las a estabelecer, no cotidiano, as práticas que as transformam em mulheres virtuosas. Hoje, o perfil oficial do projeto no *Instagram* é também o perfil pessoal de Cristiane Cardoso¹⁵.

Atualmente, ela apresenta ao lado do esposo, o bispo Renato Cardoso, o programa “Escola do Amor” (*The Love School*). Desde sua estreia em 19 de novembro de 2011, o programa vai ao ar aos sábados na TV Record e fornece “conselhos eficazes para ajudar solteiros e comprometidos a alcançarem ou manterem o relacionamento feliz, e também driblar as adversidades do cotidiano”¹⁶. Nessa “escola”, ambos se colocam como um casal de professores e os episódios são chamados de aulas, fato significativo para pensar Cristiane Cardoso como a grande educadora das mulheres da instituição.

¹² Perguntas e respostas. Disponível em: <https://www.universal.org/godllywood/perguntas-e-respostas/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

¹³ A título de exemplo, o desafio número 76 do *Godllywood* sugere: “Faça uma faxina bem feita em todos os cômodos de sua casa”, pois “a sua casa reflete você, se ela não é bem cuidada, é porque por dentro você também não é”. O desafio número 79 prescreve: “Use um vestido ou uma saia essa semana”. Estes e outros desafios podem ser encontrados em <https://www.universal.org/godllywood/desafio-godllywood/>. Acesso em: 12 maio 2024.

¹⁴ Mais tarde, a conta do *Godllywood* veio a se tornar a conta oficial de Cristiane. *Instagram*: @godllywoodoficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/godllywoodoficial/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

¹⁵ Perfil oficial do projeto *Godllywood*. Disponível em: <https://www.instagram.com/godllywoodoficial/?hl=pt-br>. Acesso em: 13 maio 2024.

¹⁶ *The Love School – Escola do Amor*. Disponível em: <https://mi.tv/br/programas/the-love-school-escola-do-amor>. Acesso em: 03 maio 2024.

Em 2010, Cristiane Cardoso lançou o livro “A Mulher V – moderna à moda antiga” pela Unipro¹⁷, editora ligada à IURD e fundada por Edir Macedo. Logo no ano de lançamento, entrou na lista de livros mais vendidos do país, ultrapassando 1 milhão de cópias¹⁸. O objetivo da obra é ser um guia “simples e direto” (Cardoso, 2011, p. 15) para diversos aspectos da vida feminina – como trabalho, ética, moral e cuidados com o corpo – e que ensine conceitos fundamentais sobre as “mulheres de valor”, já que, para a autora, as mulheres modernas perderam muitas das suas qualidades originais.

Cada capítulo da obra apresenta um atributo da mulher virtuosa. São eles: “Introdução”, “A Mulher V”, “Ela é digna de confiança”, “Ela é boa”, “Ela é batalhadora”, “Ela dá um jeito”, “Ela é disciplinada”, “Ela vai em busca de oportunidades”, “Ela é forte”, “Ela aprecia”, “Ela é habilidosa”, “Ela ajuda”, “Ela planeja”, “Ela se cuida”, “Ela é popular”, “Ela é criativa”, “Ela tem dignidade”, “Ela é doce”, “Ela se ocupa”, “Ela é louvada”, “Ela teme a Deus”, “Ela faz a diferença” e “Tornando-se uma Mulher V”.¹⁹

O relançamento do livro, que já apresentava um alto número de vendas, foi realizado em 8 de março de 2013, no Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade, localizado em Vespasiano, região metropolitana de Belo Horizonte. Na ocasião, em entrevista fornecida ao Jornal da Record, uma das leitoras contou que se interessa pelo livro porque ele “fala tudo” sobre a Mulher V e “mostra como ela deve ser no seu dia a dia”²⁰. Observa-se que a procura pela obra é motivada, em grande medida, por seu caráter normativo, isto é, pela prescrição de regras que, se seguidas de forma correta, possibilitam a transformação da “mulher comum” em mulher virtuosa.

Além disso, “A Mulher V” enquadra-se na categoria de literatura de autoajuda, fato que potencializa a natureza disciplinadora da obra. De acordo com a definição de Rüdiger (2010, p. 8), a literatura de autoajuda é “o conjunto textualmente mediador de práticas por meio das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade”. O livro pertence à literatura de autoajuda feminina. De acordo com Figueiredo (2014),

Tal perfil de livros caracteriza-se pelo pertencimento claro a um **modelo de manual prescritivo direcionado à mulher sobre posturas, falas e comportamentos adequados ou inadequados** para atingir o sucesso em suas relações amorosas. Para tal, as obras de autoajuda que pertencem a essa categoria parecem estruturar-se por meio de uma **linguagem bastante objetiva, geralmente pontuada por tópicos/dicas destacáveis misturados a textos simples, bem-humorados e de forte tom apelativo ao leitor**. Além disso, o caráter *prêt-à-porter*²¹ dessas obras também assume uma aparência de

¹⁷ Unipro Editora. Disponível em: <https://unipro.com.br/> Acesso em: 03 maio 2024.

¹⁸ Cristiane Cardoso relança livro “A Mulher V” na capital mineira. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/entretenimento/cristiane-cardoso-relanca-livro-a-mulher-v-na-capital-mineira-1.115845> Acesso em: 18 jun. 2023.

¹⁹ Neste [hyperlink](#) de acesso aos dados do artigo, oferecemos um quadro com os títulos dos capítulos, provérbios, um tema e as dicas/conselhos para que as leitoras se tornem mulheres virtuosas.

²⁰ No Dia da Mulher, Cristiane Cardoso lança livro A Mulher V em Belo Horizonte (MG). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Is3dDJ258C0>. Acesso em: 01 mar. 2024.

²¹ A expressão em francês *prêt-à-porter* pode ser traduzida para o inglês como “ready to wear” ou, para o português, como algo semelh/ante a “pronto para usar”.

verdade definitiva quando estas relatam breves episódios reais (ou pretensamente reais) ocorridos com seus autores ou com pessoas conhecidas/entrevistadas por eles (Figueiredo, 2014, p. 57, grifo nosso).

Obras que apresentam linguagem simples, leitura fácil e tom apelativo, especialmente quando há ênfase no religioso, são mais facilmente difundidas e potencializam a identificação entre autor e leitor. A presença dessas características em “A Mulher V”, unidas ao perfil normativo do livro, indica que ele funciona como um dos instrumentos utilizados pela Universal para difundir determinadas concepções de gênero, na tentativa de modular o comportamento feminino e gerar coesão entre as mulheres da denominação.

Ademais, é imprescindível que a posição social e institucional de Cristiane Cardoso seja contextualizada adequadamente do decorrer desta análise, pois, como exposto previamente, a filha do bispo detém um papel central na instituição. Mariano (2014, p. 63) salienta que a IURD é uma instituição extremamente hierarquizada:

O governo eclesiástico da Universal é centralizado em torno de seu líder carismático. Sua estrutura de poder é vertical, despótica até. Na prática [...], o Bispo primaz [Edir Macedo], escudado em seu poder vitalício e ancorado no discurso de que o próprio Deus o escolheu para exercer tal autoridade, que não pode ser questionada, decide e comanda.

Uma vez que Macedo discursa que não deve ser questionado por que foi escolhido por Deus, pressupõe-se que a filha, escolhida por ele para cuidar dos assuntos relacionados ao público feminino, também não deve ser questionada. Essa relação demonstra que Cristiane é detentora de um amplo capital religioso (Couto, 2020, p. 46), visto que a posição institucional confere legitimidade à sua atuação e garante a repercussão dos ideais da IURD entre os fiéis.

Na moral evangélica, a exterioridade corporal deve refletir os princípios da modéstia, decência e discrição, o que é perceptível com maior intensidade entre as mulheres. O juízo protestante é fundamentado na “congruência de signos que permitem ao outro olhar para a mulher evangélica e identificar que ‘ali vai uma pessoa cristã’” (Gonçalo, 2016, p. 13).

Destarte, a maneira de se vestir e as demais expressões corporais, gestualidades e maneirismos funcionam como um mecanismo de distinção entre mulheres de Deus – aquelas “que não somente pertencem ao protestantismo, mas que praticam a religião em suas interações cotidianas” – e mulheres do mundo – as não convertidas, que “não detêm a presença de Jesus Cristo em sua vida” (Gonçalo, 2016, p. 14).

A noção de feminilidade evangélica é definida a partir do reforço e defesa de papéis tradicionais de gênero, do modelo de família patriarcal e do enaltecimento de atributos “essencialmente femininos” como graciosidade, gentileza, bondade, cuidado e maleabilidade (Martinez, 2022). Além disso, a valorização estética está diretamente relacionada ao papel da mulher como mantenedora do lar e atesta sua posição de submissão ao companheiro e à família. Dessa forma, prescrições morais se coadunam a juízos estéticos, tornando o corpo o principal instrumento a ser disciplinado (Gonçalo, 2016; Teixeira, 2021).

Em relação às vestimentas, as fiéis são orientadas a se vestir com pudor e bom senso, mas sem perder a feminilidade. Devem evitar o uso de shorts, saias e vestidos curtos e decotes, de maneira a não chamar atenção para si e manter-se alinhadas à orientação bíblica de guardar o corpo. No que diz respeito ao comportamento, a mulher crente deve ser elegante, dócil e carinhosa e dar a devida atenção às regras de etiqueta e às “boas maneiras” (Gonçalo, 2016).

Por tais motivos, consideramos que um exemplo bastante ilustrativo desses ideais é a própria autora de “A Mulher V”, um dos principais dispositivos pedagógicos da IURD direcionado ao público feminino da denominação (Teixeira, 2021).

Segundo Campos e Souza (2017, p. 492), Cristiane “tanto segue um conjunto de comportamentos já apregoados pelo cristianismo como também cria novos símbolos que a distinguem das demais mulheres”. Assim, a trajetória de sua atuação contribuiu para a materialização de uma suposta “mulher cristã ideal”.

Nesse sentido, a performance “moderna” de Cristiane representa “uma estética de glamourização, na qual o ‘*fashion*’ é entendido como sinal da relação interior e direta com Deus. Estar na moda, bem vestida ou *fashion* tornam-se símbolos da mulher iurdiana, uma mulher virtuosa” (Campos; Souza, 2017, p. 492). Cristiane age e é vista como “A Mulher V” por excelência.

De acordo com Bourdieu (2007, p. 52), “as crenças e práticas comumente designadas cristãs devem sua sobrevivência no curso do tempo à sua capacidade de transformação à medida que se modificam as funções que cumprem em favor dos grupos sucessivos que as adotam”. Por isso, mesmo que a Igreja Universal não seja “absolutamente contrária aos costumes, tradições e prescrições de gênero” (Maciel, 2016, p. 8), a instituição demonstra, ao menos à primeira vista, um caráter menos tradicionalista, movimento ambíguo definido pela autora como uma “continuidade-reformulada” (*ibid.*, p. 9).

Em razão disso, o mote “moderna à moda antiga” simboliza, no caso da IURD, certa flexibilização do discurso religioso tradicional, o que pode ser interpretado como estratégia evangelística para atração e permanência dos fiéis na denominação (Maciel, 2016; Mariano, 2001), já que a moral religiosa influencia as percepções do cotidiano e se faz presente inscrita no corpo feminino, de modo que a própria mulher possa exercê-la sobre si mesma, dispensando o monitoramento constante da igreja.

4. A Categoria *habitus*

Pierre Bourdieu (1930-2002), filósofo e sociólogo francês, realizou em uma de suas obras uma análise das estruturas sociais e seus modos de funcionamento. Para o autor, existem estruturas objetivas que influenciam, orientam e coagem as ações dos indivíduos. De maneira dialética, tais estruturas possuem o que ele chama de origem ou “gênese social”, isto é, também são construídas a partir dos esquemas de percepção e ação dos agentes sociais.

Bourdieu (2013, p. 89) reconhece que as ações dos indivíduos não são calculadas de maneira consciente ou estratégica, e sim guiadas por disposições que moldam “possibilidades e impossibilidades, liberdades e necessidades, facilidades ou impedimentos”. As condições objetivas nas quais se realizam ações individuais formam “disposições objetivamente compatíveis com essas condições e de alguma forma pré-adaptadas às suas exigências”, dando sentido ou excluindo determinadas práticas, o que é chamado de *habitus*.

Isto posto, optamos por utilizar o conceito de *habitus* como principal categoria analítica deste trabalho, pois através de sua compreensão se torna possível desmistificar práticas que podem ser inicialmente percebidas como necessárias e até mesmo naturais, como os chamados “dons” inerentes ao gênero, sexo ou classe social, mas que na realidade têm seu sentido atribuído socialmente a partir da reprodução de estruturas.

De acordo com o Bourdieu, o *habitus* pode ser definido como

Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das condições necessárias para alcançá-lo (*ibid.*, p. 87).

Em outras palavras, o *habitus* é o intermédio entre as posições dos agentes na estrutura e as ações sociais duravelmente inculcadas. Devido a esse caráter, ele se torna mais eficaz que regras e normas formais e explícitas, garantindo a conformidade das práticas através dos tempos. A apreensão do *habitus* é eficaz justamente por se manter tácita, implícita, tendo como resultado a naturalização de determinados esquemas:

Ou seja, sendo o *produto* de uma classe determinada de regularidades objetivas, o *habitus* tende a engendrar todas as condutas ‘razoáveis’, do ‘senso comum’, que são possíveis nos limites dessas regularidades, [...], e que têm todas as possibilidades de ser positivamente sancionadas porque são objetivamente ajustadas à lógica característica de um campo determinado [...] (*ibid.*, p. 92).

Do mesmo modo, Bourdieu estabelece que o *habitus* é uma “necessidade feita virtude” (*ibid.*, p. 89), isto é, mesmo que haja a intenção, por parte de determinados grupos dominantes, de inculcar certos tipos de comportamentos e percepções, não é necessário impô-los de maneira objetiva ou explícita, pois esse conjunto de práticas está previamente posto como correto, desejado e conformado à excelência moral.

Tal sistema de disposições, ou predisposições, guia os indivíduos às condutas “razoáveis”, pois suas possibilidades de agência são previamente ajustadas à lógica do campo ao qual pertencem e à sua posição social, o que automaticamente exclui condutas indesejáveis, sem a necessidade de violência física ou argumentação.

Desta forma, o *habitus* antecipa o que ele próprio constrói a partir de hipóteses práticas fundadas em experiências passadas e produz as estruturas que estão “no princípio da percepção e da apreciação de toda experiência ulterior” (*ibid.*, p. 89), de acordo com as necessidades de cada contexto social ou econômico. As possibilidades de operacionalização do *habitus* se definem em relação às potencialidades objetivas imediatamente inscritas no presente, ou seja, o que se deve fazer ou não fazer, dizer ou não dizer.

Por isso, é possível afirmar que a formação da subjetividade não se dá de modo totalmente individualizado, mas está relacionada às estruturas objetivas. As disposições interiores nada mais são que interiorizações da exterioridade, e é esse fator que permite que as forças exteriores sejam exercidas “de maneira durável, sistemática e não mecânica” (*ibid.*, 2013, p. 91). Ainda:

[...] na medida em que é dotado de um *habitus*, o agente social é um indivíduo coletivo ou um coletivo individuado por obra da incorporação das estruturas objetivas. O individual, o subjetivo, é social e coletivo. (Bourdieu, 2001, p. 262).

Portanto, ainda que caracterize agentes sociais como indivíduos, Bourdieu (*ibid.*, p. 263) afirma que “os agentes não são universais porque as suas propriedades, e em particular as suas preferências e os seus gostos, são o produto da sua colocação e das suas deslocções no espaço social, logo da história coletiva e individual”. A interiorização de *habitus* homólogos é viabilizada pela apreensão de conceitos responsáveis por gerar uma coesão entre indivíduos do mesmo grupo, isto é, uma homogeneidade de práticas e aspectos regulatórios que forjam um reconhecimento entre eles.

5. O *habitus* da Mulher Virtuosa no Livro “A Mulher V”

Como assinalado por diversos autores, os estudos de gênero ganham novos contornos quando se trata da identidade pentecostal e neopentecostal (Tarducci, 2007; Machado, 2005; Maciel, 2016; Gabatz, 2016), visto que as mulheres inseridas no contexto religioso possuem símbolos, representações e comportamentos distintos daqueles das mulheres de fora da comunidade religiosa. Ainda, a depender da denominação em questão, as representações e papéis femininos considerados ideais também divergem entre si.

Por este motivo, é importante destacar que, mesmo que o retrato bíblico da mulher virtuosa faça parte da doutrina de outras denominações, as análises realizadas neste tópico referem-se exclusivamente ao conteúdo do livro de Cristiane Cardoso, enquanto integrante do corpo da Igreja Universal do Reino de Deus, sem a intenção de estendê-las às demais igrejas dessa ou de outras vertentes religiosas.

O quadro a seguir, organizado em ordem alfabética, mostra as principais características da mulher virtuosa e da mulher não virtuosa, citadas no decorrer do livro “A Mulher V”.

Quadro 1: Características da mulher virtuosa e da mulher não virtuosa

A mulher virtuosa	A mulher não virtuosa
Amável	Amarga
Bela	Piriguete
Bondosa	Durona
Confiável	Imatura
Corajosa	Se faz de vítima
Criativa	Fútil
Cuida da casa	Procrastinadora
Cuida da família e das pessoas necessitadas	Mal-amada
Cuida das finanças	Mimada
Delicada	Áspera

Disciplinada	Não sabe ser repreendida
Discreta	Vulgar
Eficiente	Cabeça de vento
Feminina	Sem essência feminina
Forte	Medíocre
Honrada	Sem pudor
Popular	Foqueira
Produtiva	Preguiçosa
Rara	Comum
Reconhece seu talento doméstico	Reclama
Respeitável	Sem respeito próprio
Responsável	Irresponsável
Sábia	Tola
Talentosa	Néscia
Trabalhadora	Ociosa
Um prêmio a ser conquistado	Sem valor
Útil	Sem importância
Vaidosa	Insegura

Fonte: Autores

A mulher virtuosa é caracterizada como “eficiente”, “produtiva”, “trabalhadora” e “útil”, além de cuidadora da família, das pessoas necessitadas e das finanças. Em contrapartida, a mulher não virtuosa é descrita como “ociosa”, “preguiçosa” e “procrastinadora”. As qualidades atribuídas à mulher virtuosa não são, em si, um problema, afinal de contas a maioria das pessoas, não só mulheres evangélicas, gostariam de possuí-las. Entretanto, ao analisarmos as práticas que Cristiane propõe para obtê-las, fica evidente que tais qualidades estão relacionadas, em primeiro lugar, ao bom desempenho da mulher no trabalho doméstico.

Na lógica da Igreja Universal, homens e mulheres possuem papéis e responsabilidades distintas no casamento, definidas por Deus no que é chamado “plano original do casamento”. O papel do homem é cuidar e guardar sua mulher, além de prover a família financeiramente. Em contrapartida, cabe à mulher ser uma boa mãe, boa dona de casa e cuidar do seu marido²², pois esses são talentos exclusivos delas (Cardoso, 2014, p. 152).

Segundo a autora, todas as mulheres possuem um “dom natural” para os afazeres domésticos, mas, diferentemente das demais, a mulher virtuosa “reconhece as coisas que lhe são naturais e tira vantagem delas para abençoar a sua família”:

²² O papel do homem e da mulher no casamento. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-papel-do-homem-e-da-mulher-no-casamento/> Acesso em: 27 jun. 2024.

A Mulher V entende o seu papel dentro de casa muito bem. Ela não espera que ninguém o desempenhe em seu lugar – é dela e é melhor deixá-la fazer. Está tudo dentro da gente, de nós, mulheres. Passe essas responsabilidades à maioria dos homens e você vai testemunhar uma verdadeira batalha masculina. Não é nem justo (*ibid.*, p. 152).

Em relação à divisão de tarefas, por exemplo, Cristiane narra que seu marido “guarda a sua roupa, o seu sapato, e até pendura o terno para não amassar tanto”, mas nunca cobrou isso dele, pois tem consciência de que esse é o seu papel como mulher²³. Ela afirma que possuir essa responsabilidade é algo muito positivo, pois nos tempos da Bíblia, “quando as mulheres não eram valorizadas”, Deus já as apreciava por essas “pequenas coisas” que faziam, e isso por si só “deveria ser o suficiente para derrubar quaisquer comentários ou discussões sarcásticas que atacam as donas de casa nos dias de hoje” (*ibid.*, p. 162).

Como destacam autoras como Pateman (1993), Biroli (2014) e Okin (2008), a divisão sexual do trabalho é a responsável por criar uma hierarquia de gênero e uma relação de poder estabelecida na dicotomia entre público e privado. A partir de concepções conservadoras sobre feminino e masculino e da separação entre casa e trabalho, supõe-se que a associação entre a esfera doméstica e a responsabilidade da mulher sobre essa esfera seja “natural e inevitável” (Okin, 2008, p. 312-313).

Nesse sentido, Araújo e Scalon (2006, p. 48) afirmam que o domicílio e a família são espaços primordiais de reprodução material e de produção simbólica da vida cotidiana que determinam as possibilidades de escolha da mulher em relação à própria vida. Dessa forma, supor que a realização de afazeres domésticos seja um dom exclusivamente feminino e que ninguém mais possa exercê-los (Cardoso, 2014, p. 152) restringe as mulheres ao âmbito privado da vida social e reduz suas possibilidades de agência em outras áreas.

Para Biroli, “a forma que ele [*o trabalho doméstico*] assume e o tempo que lhe é dedicado estão longe de constituir escolhas voluntárias” (Biroli, 2014, p. 64). Devido a este caráter implícito, é possível afirmar que o *habitus* da mulher virtuosa é operacionalizado, primordialmente, ao naturalizar determinados papéis femininos que, na realidade, são constructos sociais mediados por relações de poder, que contribuem para a reprodução de estruturas hierárquicas de gênero.

Entretanto, no sétimo capítulo do livro, chamado “Ela é disciplinada”, Cristiane não nega que mulheres possam trabalhar fora de casa, mas afirma que isso pode atrapalhar a vida familiar. Visto que o trabalho doméstico não pode ser realizado por outras pessoas, a mulher virtuosa deve saber que é sua obrigação investir a maior parte do seu tempo nele. Aquelas que não assumem essa postura, isto é, as mulheres não virtuosas, são vistas como “controladoras” (por se dedicarem a áreas que não estão sob sua responsabilidade) ou “displicentes” (por estarem negligenciando a própria família):

Os homens são diferentes de nós. Eles foram feitos para se concentrar e conquistar. Nós lutamos para fazer as mesmas coisas que eles fazem e ainda ser mãe, esposa, e rainha do lar. Mas nós não somos eles, e não podemos querer fazer os dois papéis sem que nos

²³ O que aprendi com a mamãe (II). Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/o-que-aprendi-com-a-mamae-ii/> Acesso em: 23 jun. 2023.

prejudiquemos [...]. **Uma mãe sacrifica momentos preciosos que ficam perdidos para sempre quando escolhe a sua carreira em detrimento de seus filhos, e ela sente essa perda intensamente** (Cardoso, 2014, p. 109, grifo nosso).

Uma das estratégias utilizadas por Cristiane para se conectar com as leitoras é narrar histórias da sua vida pessoal e episódios que ela afirma ter vivenciado como conselheira na Universal. Em uma delas, a autora relata que uma mulher recorreu a ela muito arrependida por não ter dado tanta atenção aos filhos durante a infância, devido à sua maternidade solo e seu trabalho fora de casa. A conselheira responde que era tarde demais para mudar a situação, pois “na época, ela pensava que estava lhes fazendo um favor ao trabalhar duro como mãe solteira, mas na verdade ela os estava afastando” (*ibid.*, p. 102).

Em outro momento, Cristiane diz ter conhecido um homem que não conseguia comemorar as conquistas profissionais da esposa por causa do “alto preço que tinha que pagar em casa”:

Ela estava sempre muito ocupada com o trabalho para cuidar das coisas dele, sempre com pressa, quase sem tempo para cuidar da sua própria aparência. Um dia, o marido exigiu que ela deixasse sua carreira tão importante ou então ela poderia esquecer aquele casamento. Ele estava certo. Sua carreira havia tomado a maior parte de seu tempo, assumindo o primeiro lugar em sua vida. [...] **Nenhuma outra mulher poderia fazer aquilo que ela não estava fazendo por seu marido em casa** (*ibid.*, p. 24, grifo nosso).

As duas histórias demonstram como a prioridade da mulher deve ser cuidar do marido e dos filhos e realizar de maneira efetiva os trabalhos domésticos. Nas palavras de Cristiane, a “mulher de verdade” não tem necessidade de coisa alguma, pois “seus planos, seus desejos, sua própria vida não são sua prioridade” (*ibid.*, p. 36). Por conseguinte, a mulher não virtuosa é representada como desviante: “sem essência feminina”, “preguiçosa”, “procrastinadora”, “mimada” e “irresponsável”.

Podemos concluir que as qualidades exaltadas na mulher virtuosa possuem, em primeiro lugar, um caráter de incentivo à restrição da mulher ao ambiente doméstico, mas é possível pontuar outras duas características que também balizam a formação de seu *habitus*: a docilidade e a submissão.

No capítulo “Ela é doce”, Cristiane afirma que mulher virtuosa é sábia, por isso fala com doçura e bondade. Já a mulher não virtuosa “fala tolices, e por isso fala com aspereza; ela é amarga” (*ibid.*, p. 156). A título de exemplo, a autora conta que seu esposo trabalhava fora todos os dias, mas, nos momentos em que ele estava em casa, continuava não lhe dando a atenção de que ela gostaria. Mesmo demonstrando sua insatisfação de diversas maneiras, a situação só se resolveu quando ela admitiu que o erro era dela própria:

O problema estava nas minhas reclamações, na resistência constante às vontades do meu esposo. Comecei a apresentar essa situação a Deus e, em troca, Ele me mostrou como conseguir o que eu queria sem reclamar. Primeiro, parei com as reclamações. Depois, **passei a fazer as coisas que meu marido queria** e ficava em casa sem aquela cara emburrada e sem me lamentar” (*ibid.*, p. 261-262, grifo nosso).

A partir desse relato, nota-se que a mulher “doce”, “amável”, “bondosa” e “compreensiva” é aquela que não oferece resistência às vontades do esposo, pois o homem é a parte racional do relacionamento. Já o homem, segundo descrição do bispo Renato Cardoso, é “naturalmente bruto”, “indelicado” e “grosseiro”, sendo “exatamente isso que o faz homem, assim como a feminilidade e delicadeza fazem a mulher”²⁴.

Entretanto, como pontua Teixeira (2014), a docilidade da Mulher V está ligada não só à sua maneira de falar, mas também a uma pedagogia do corpo. A apreensão de determinados automatismos e posturas corporais, interpretados socialmente como “naturalmente femininos” (ou “naturalmente masculinos”), é o que Bourdieu (2020) compreende como *hexis* corporal, ou disposição corporal do *habitus*. O autor afirma que

[...] o *habitus* constitui não apenas um sistema mental de produção e categorização cognitiva, ética, estética e afetiva da conduta [...], como também, e de maneira indissolivelmente articulada, um conjunto de **estados habituais do corpo**, o qual se manifesta nos agentes como uma *hexis* corporal moldada e interiorizada pela **aprendizagem inconsciente e cotidiana de um certo conjunto de posturas corporais, de modos de falar e de andar** [...] (Peters, 2009, p. 19, grifo nosso).

A *hexis* corporal se refere tanto ao corpo físico propriamente dito quanto à “maneira de se servir dele, a postura, a atitude” (Bourdieu, 2020, p. 108). Nesse sentido, “o corpo é compreendido como o elo entre o individual e o social, na medida em que expressa o *habitus* de cada agente” (Suficier *et al.*, 2021, p. 902). Assim, através da observação do corpo e seus usos, torna-se possível vislumbrar, empiricamente, a construção teórica do *habitus*.

As características da *hexis* corporal da mulher virtuosa podem ser percebidas em diversos momentos do livro, como na citação abaixo, localizada no capítulo “Ela tem dignidade”, na qual Cristiane destaca a importância da discrição na vida da mulher, pois sem essa qualidade ela jamais possuirá respeito ou honra:

Imagine um porco brincando na lama com um anel de diamante no focinho. Difícil de imaginar, não é mesmo? Mas é assim que a Bíblia descreve a mulher que não tem discrição (leia Provérbios 11:22). É duro, mas é a pura verdade. Discrição é a capacidade de se **comportar ou falar** de maneira a evitar ofender ou revelar informações privadas; em outras palavras, é a **habilidade de discernir o que é e o que não é apropriado para se dizer ou fazer** (Cardoso, 2011, p. 242-243, grifo nosso).

A seguir, ela fornece conselhos para que as leitoras deem início ao seu “processo de discrição”, dentre os quais estão: não gritar ou falar alto (“isto mostra que você está jogando toda a sua feminilidade no ralo”), não paquerar homens (“não é nada respeitável uma mulher flertando, pois ela é sempre vista como fácil e disponível”) e não ser indiscreta na maneira de se vestir (“quando você revela muito, está dizendo que não há nada de especial por baixo da sua roupa, todo mundo pode dar uma olhadinha. [...] seu corpo é sagrado, não importa o que diz a moda”) (*ibid.*, p. 244-246).

²⁴ Desafio Intellimen #5. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/desafio-intellimen-5/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

No que diz respeito à submissão, Cristiane explica²⁵ que o sentido pejorativo do termo é disseminado por pessoas que não conhecem a Bíblia. Segundo ela, quando a mulher não se submete, ela passa a ignorar a razão, pois “não tem estrutura” para ser racional. Então, já que o homem é “o cabeça” do relacionamento, “a mulher não tem problema nenhum em se sujeitar, pois vai estar sendo cuidada, amada e protegida e foi para isso que Deus a criou”²⁶.

No capítulo “Ela dá um jeito”, Cristiane conta que testemunhou a história de muitas mulheres que “se submeteram aos seus maridos alcoólatras e viciados como se estivessem fazendo para Deus; e suas atitudes revelaram tanto amor que seus maridos sentiram remorso pelo tratamento que estavam dando às suas esposas, e mudaram” (*ibid.*, p. 96). Como apontam Mariz e Machado (1996), é comum que mulheres evangélicas assumam a responsabilidade em relação ao bem-estar espiritual da família. Em determinadas religiões pentecostais e neopentecostais, elas são vistas como o principal canal de libertação dos demais familiares. Dessa forma, se o esposo ou demais membros da família não são convertidos, cabe à mulher “salvá-los” e levar para eles a palavra de Deus. Essa é mais uma das responsabilidades da mulher virtuosa que Cristiane cita.

Em suma, nota-se que o uso de argumentos de cunho emocional e de autoridade, baseados na Bíblia, dispensam a necessidade de imperativos explícitos e contribuem para a persuasão das leitoras. O modo como a autora narra suas experiências pessoais insinua que ela tem propriedade para aconselhá-las, especialmente porque destaca em si mesma as características da mulher virtuosa (Silva, 2019).

6. Considerações finais

O livro “A Mulher V” difunde, através da representação bíblica da mulher virtuosa, o “modelo” da mulher cristã ideal ou da “mulher de verdade”. Dessa forma, a obra reafirma representações conservadoras do feminino. Enquanto a mulher virtuosa é representada como “boa”, “produtiva”, “disciplinada”, “doce”, “feminina”, “bela”, “respeitável” e “vaidosa”, a mulher não virtuosa é “preguiçosa”, “amarga”, “fútil”, “mediocre”, “piriguete” e “sem essência feminina”. Essas características estão fundadas em três aspectos principais: a submissão, a restrição ao âmbito privado da vida social e a docilidade. Assim, a proposta contribui para processos de reprodução de desigualdades de gênero.

Cristiane Cardoso defende os argumentos da obra sob a assertiva de que são fundamentadas em narrativas bíblicas e, por vezes, recorre às mesmas. Isto é algo que dá consistência à narrativa e contribui para a eficácia da influência dos mesmos junto às mulheres que frequentam a IURD. Cristiane estimula perfis de comportamento e aparência ao reiterar que tais atributos são “naturalmente femininos” e “dons exclusivos” das mulheres, fator que contribui para a disseminação de uma performance feminina que esteja em conformidade com os ideais conservadores da instituição e mascara relações hierárquicas de gênero. Por esse motivo, é possível afirmar que o livro é um instrumento utilizado pela IURD para a formação e inculcação de um *habitus* que não estimula o protagonismo feminino.

²⁵ Você conhece o seu papel como mulher? Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/voce-conhece-o-seu-papel-como-mulher/#:~:text=%E2%80%9CQuando%20a%20mulher%20n%C3%A3o%20se,%2C%20est%C3%A1%20preparada%20para%20auxiliar.%E2%80%9D>. Acesso em: 23 jun. 2024.

²⁶ *Ibid.*.

Por fim, é importante ressaltar que as representações estereotipadas do feminino estão presentes em muitas das produções midiáticas da IURD. Esse fato, junto com o já conhecido alcance dos canais proselitistas da denominação, pode indicar uma influência real na estruturação da performatividade de leitoras e fiéis. Diante disso, é interessante que pesquisas posteriores busquem mensurar objetivamente o nível de interiorização e reprodução dos comportamentos apregoados pela igreja.

Referências

- ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 62, p. 45-68, out. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/wBw6Kdj3Dc9qdNmVqjNP6d/?lang=pt#>. Acesso em: 4 maio 2024.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *As estruturas sociais da economia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; SOUZA, Alana. Godllywood de Cristiane Cardoso: uma etnografia do “transreligioso”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 487-512, 2017. Disponível em <https://revistas.usp.br/ra/article/view/137318>. Acesso em: 2 jul. 2024.
- CARDOSO, Cristiane. *A mulher V – moderna à moda antiga*. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2011.
- COUTO, Taimara Pereira B. *A “Mulher V”: uma análise sobre a construção da “virtuosidade” feminina na Igreja Universal do Reino de Deus*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/16495>. Acesso em: 2 jul. 2024.
- FIGUEIREDO, Allana Mátar de. *O sujeito emotivo nas obras de autoajuda: imagens do feminino*. 2014. 192f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- GABATZ, Celso. As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 95-103, jul.-dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/48673>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- GONÇALO, Rita. Moda Church – Performances e produções estéticas do vestir feminino em igrejas evangélicas cariocas. *Revista Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 11, p. 9-31, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/64775>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MACHADO, Maria das Dores C. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387-396, maio 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/WspmXzNp7XKHytvBzvwfL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2024.
- MACIEL, Pollyanne Rachel Fernandes. A dinâmica das relações de gênero e a produção da mulher virtuosa no pentecostalismo evangélico. In: COLOQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE, XII., 2016, Campina Grande. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18309>. Acesso em: 2 jun. 2024.
- MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

- MARIZ, Cecília Loreto; MACHADO, Maria das Dores Campos. Pentecostalismo e a redefinição do feminino. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 141-159, ago. 1996. Disponível em: <https://religiooesociedade.org.br/revistas/v-17-no-01-02>. Acesso em: 2 jul. 2024.
- MARTINEZ, Monise. *Pós-Feminismo no “Reino De Deus”*: poder feminino e feminilidades num contexto de midiaticização da religião. Tese (Doutorado em Estudos Feministas) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2022. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/109687>. Acesso em: 20 ago. 2024
- ORO, Ari Pedro; TADVALD, Marcelo. Religião, corpo e performance: um olhar sobre algumas liturgias nacionais. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 77, n. 306, p. 264-281, 2017. Disponível em: <https://reb.itf.edu.br/reb/article/view/79>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- OKIN, Susan M. Gênero, o público e o privado. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, maio 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/4MBhqfxYMPppkqQN9jd5hB/>. Acesso em: 2 jul. 2024.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PETERS, Gabriel. Configurações e reconfigurações na teoria do *habitus*: um percurso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XIV., 2009, Rio de Janeiro.
- RÜDIGER, Francisco. *Literatura de autoajuda e individualismo*: contribuição à crítica de uma categoria da cultura de massas. 2. ed. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.
- SILVA, Barbara Amaral. A construção argumentativa da Mulher V: um modelo a ser seguido. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 2017, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis, 2017. p. 1-12. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-A7FNYF>. Acesso em: 28 jun. 2024.
- SILVA, Niassa Jamena Conceição. *Mulheres de Fé*: um relato sobre os pensamentos, práticas e mudanças na religiosidade feminina. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- SUFICIER, Darbi Masson *et al.* A noção bourdieusiana de hexis corporal em teses e dissertações brasileiras. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 26, n. 51, p. 895-914, jul.-dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14265>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- TARDUCCI, Mónica. “O senhor nos libertou”: gênero, família e fundamentalismo. *Cadernos Paçu*, Campinas, n. 3, p. 143-163, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1726>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *A mulher universal*: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade. São Paulo: FEUSP, 2021. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/596. Acesso em: 6 ago. 2024.
- TEIXEIRA, Jaqueline Moraes. *Corpo e sexualidade*: os direitos reprodutivos na Igreja Universal do Reino de Deus. Mandrágora, São Paulo, v. 18, n. 18, p. 53-80, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272429017_Corpo_e_Sexualidade_Os_Direitos_Reprodutivos_na_Igreja_Universal_do_Reino_de_Deus. Acesso em: 20 ago. 2024.
- TEIXEIRA, Jaqueline Moraes. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: o desafio Godllywood. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 232-256, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/rgGNpqDRDwt6FCZcK6ds9Yp/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 2 jul. 2024.

Declaração de Coautoria: Fabrício Roberto Costa Oliveira declara ter sido “responsável pela escrita do projeto de pesquisa” e ter atuado “na escrita, formatação e revisão bibliográfica da pesquisa” ora apresentada sob a forma de artigo. Isadora Almendagna afirma ter participado “da coleta, análise e interpretação dos dados, bem como da escrita da pesquisa.” Por fim, Deivit Henrique da Silva Leite assevera ter participado “da escrita, formatação e revisão” do artigo, “em coautoria com Fabrício Roberto Costa Oliveira, orientador da referida pesquisa e coautor principal na elaboração desse texto”, e Isadora Almendagna, igualmente coautora.

*Minicurrículo do/as Autore/as:

Fabício Roberto Costa Oliveira. Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2012). Docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: fabriciooliveira@ufv.br.

Isadora Almendagna. Discente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: isadora.almendagna@ufv.br.

Deivit Henrique da Silva Leite. Discente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: E-mail: deivit.leite@ufv.br.

Avaliadora 2: Monalisa Torres, [Orcid](#).

Editores de Seção: Bruno Bartel, [Orcid](#);

Emanuel Freitas da Silva, [Orcid](#)